

# Brasília em preto e branco

Brasília foi uma cidade planejada para concentrar as atividades político-administrativo-cultural do país, e que só atingiria um milhão de habitantes em fins do século XX. Dezoito anos depois essa finalidade está ameaçada. Pode ser frustrado o grande objetivo.

A multiplicação de problemas contribui para fazer surgir uma paisagem bem diferente daquela que os cartões postais levam para o mundo inteiro, a cores, tudo perfeito. Em preto e branco pode ser revelada em Brasília bem diferente.

É intensa a migração, facilitada pelo surgimento de novas rodovias. De 1960 para cá, são quase 900 mil pessoas, aproximadamente um milhão de problemas. A cada dia, vindos de todos os pontos do Brasil, desembarcam na estação rodoviária, cheios de esperanças. As mesmas esperanças que antes os levavam para São Paulo.

Por isso, com apenas 18 anos, Brasília possui problemas de cidades centenárias como o Rio de Janeiro, Salvador ou Recife.

Atualmente, e isso vem desde 1960, a engenharia civil absorve a mão-de-obra

não especializada, gerando empregos ocasionais. Mas vai chegar um tempo (está mais próximo do que se imagina) que não se construirá tanto como agora.

E o que vai ser de toda essa gente? Não há indústrias. A agricultura não é suficiente para assegurar empregos a todos. Está formado o problema social, com repercussões imprevisíveis e de difícil controle.

Definitivamente, Brasília vai deixar de ser, como sonhava Juscelino Kubitschek, o centro das decisões políticas, administrativas e culturais brasileiras.

Será uma cidade igual a muitas, com os mesmos problemas, talvez bem mais.

A migração acelerada implica na necessidade de surgir mais habitação, e não apenas no Plano Piloto, mas também em Taguatinga, Sobradinho e outras cidades-satélites que já começam a sentir reflexos, porque não podem satisfazer às necessidades de qualidade de vida e atendimento social.

O impacto desse crescimento é explosivo, como chegaram a constatar técnicos do BNDE, que recentemente elaboraram um projeto dando ênfase es-

pecial para o setor público, considerando um espaço do Distrito Federal para, pelo menos, controlá-lo, reforçando a infraestrutura e dos serviços produtivos nas regiões mais dependentes de Brasília.

Felizmente, ainda é tempo, existe uma preocupação, é ensaiada alguma medida. Já existe uma consciência formada de que para uma cidade ser perfeita não é importante apenas ter arrojo arquitetônico.

É preciso também cuidar dos que vivem nela. Mas não se pode, sob qualquer justificativa, culpar aqueles que planejaram Brasília. Eles não têm culpa nenhuma do crescimento desenfreado de uma cidade que foi bem mais além do que se previa.

Lúcio Costa, submetendo seu plano piloto para os integrantes da comissão julgadora, achou necessário o esclarecimento: "O plano... reduziu de certo modo a consulta que de fato importa, ou seja, à concepção urbanística da cidade propriamente dita, porque esta não será, no caso, uma decorrência do planejamento regional, mas a causa dele: a sua função é que dará ensejo ao ulterior desen-

## O que diz um psicólogo

Brasília não foi construída, apenas, para realizar um sonho de interiorização, nem pura e simplesmente como um recanto pacífico e aprazível de onde fosse possível comandar a administração e os destinos políticos do País; foi edificada, também, para ser habitada, ou seja, como um centro urbano livre dos complicados e crescentes problemas das metrópoles modernas, transformadas em verdadeiras máquinas de morar.

O homem não é apenas o animal que trabalha conscientemente, providentemente, mas também o único que tem consciência da necessidade do divertimento. Para os romanos, "labor" - o trabalho - e "ludus" - a diversão - configuravam as duas vocações essenciais do ser humano. Daí a divisa política dos Césares, para conter e contentar as multidões: pão e circo.

Ciente disso, Lúcio Costa, o urbanista de Brasília, no item 10 de seu famoso plano viário, previa como a cidade se divertiria e animaria culturalmente.

Depois de descrever a plataforma, onde está, hoje, sediado o nosso centro político-administrativo, ou seja, a Praça dos Três Poderes, apresentava ele, como desejável vizinho, o Centro de Diversões da Cidade - "mistura de Piccadilly Circus, Times Square e Champs Elysées" - e o Setor Cultural. Eis a sua imaginosa descrição:

"As várias casas de espetáculos estarão ligadas entre si por travessas no gênero tradicional da rua do Ouvidor, das vielas venezianas ou de galerias cobertas (arcadas) e articuladas a pequenos patios, com bares e cafés e "loggias" na parte dos fundos, com vista para o parque, tudo no propósito de propiciar ambiente adequado ao convívio e expansão".

Prossegue a descrição do nosso maior urbanista, no seu sonho de esteta:

"Na parte central da plataforma, porém, disposto lateralmente, acha-se o saguão da Estação Rodoviária, com bilheterias, bares, restaurantes, etc. Construção baixa, ligadas por escadas rolantes ao hall interior de embarque, separado por envidraçamento do eixo propriamente dito".

Vejamos a realidade. Se esse o plano do arquiteto, 17 anos foram suficientes para concluí-lo. O que se vê, ali, é a multidão de passageiros se acotovelando, sem lugar nos bancos de pedra; "pivetes" e meninos - engraxates pedindo esmolas; escadas rolantes que não funcionam a maior parte do tempo; bilheterias tão exigüas que seriam condenadas pela higiene do trabalho, se por ela fiscalizada, pois não permitem oito metros cúbicos de ar para cada bilheteiro; im-

previstos alcapões acolhendo bares imundos.

Os sociólogos indagariam hoje por que não se tornou realidade a visão de Lúcio Costa. Por que uma cidade não é apenas um espaço físico com todos os melhoramentos urbanísticos. Ela pressupõe o habitante. Ora, o arquiteto pode planejar sua habitação, não o seu povoamento.

O primeiro habitante de Brasília, o "candango", veio apenas construir - lá, ou dedicar-se a um pequeno comércio, à prestação de certos serviços a esses construtores: pensões, bares, pequenas oficinas, hotéis sem água nem esgotos, bombas de gasolina, lavadeiras, costureiras, alfaiates, mecânicos, eletricitas, pedreiros, biscateiros de toda sorte, motoristas, alugando velhos caminhões e lipes; tal foi a população da famosa Cidade Livre, hoje o Núcleo Bandeirante.

Quase todos esses candangos foram embora, remanesecendo, apenas, os aproveitados no serviço público, nas autarquias, nas derradeiras construtoras.

Vieram por espírito de aventura, por necessidade econômica.

Os cariocas, que serviam ao Governo Federal, vieram transferidos para aguardar a aposentadoria. Muitos, porque tinham filhos menores e havia, aqui, colégios e universidades, permaneceram, remoendo a velha saudade do antigo Rio, apesar da poluição, dos aluguéis caros, dos transportes congestionados, mas guardando na memória, as vibrações da sua juventude, quando, nas décadas de 40 e 50, ele se constituía, com o seu carnaval, seu futebol, seu samba e suas praias, na "Cidade Maravilhosa".

Os recifenses, belo-horizontinos, gaúchos, paulistas, preferiam seus pagos, suas querências, suas esquinas, seu folclore: ficavam aqui por necessidade.

Uma população de descontentes, trazendo seus velhos problemas vivenciais para a cidade nova. Hábitos que ela não conseguiria mudar, aspirações que jamais poderia satisfazer.

Uma estatística recente, relativa à procedência urbana dos brasilienses, revelou que trinta por cento vieram do Rio de Janeiro, quinze por cento de São Paulo e dez por cento do Recife, os restantes quarenta e cinco por cento dos demais estados e cidade: brasileiras.

Somados cariocas, paulistas, recifenses, belo-horizontinos, goianos e porto-alegrenses, constituem dois terços da população dessas cidades. Essas seis cidades, cinco representando autênticas metrópoles, quatro de fundação multi-secular, não têm qualquer semelhança com Brasília. Recife, Porto Alegre e Rio de Janeiro contemplam-se no Atlântico, exibem a praia como diversão gratuita;

São Paulo, é uma oficina de trabalho, com os melhores restaurantes do País e invejável atividade desportiva; Belo Horizonte, de agradável clima, trânsito suportável, tem também uma boa imprensa, grandes clubes, e, sobretudo, intensa vida cultural, como aquelas outras: Goiânia, a mais jovem, também artificialmente traçada, ostenta vida universitária, clubística e cultural francamente acendáveis.

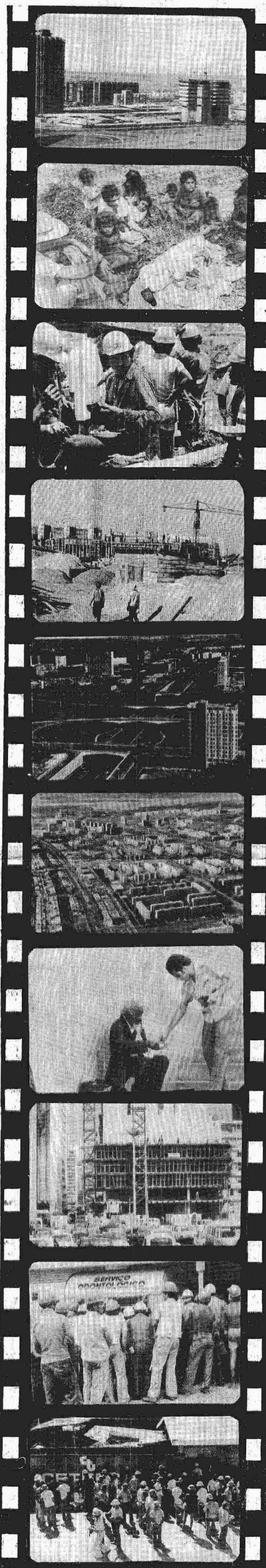
O torcedor de futebol, que veio desses centros, decerto só comparece ao "Pelézo", quando se exibem clubes de Pernambuco, de São Paulo, de Minas, do Rio de Janeiro ou do Rio Grande. Preferem ver, na televisão, às quartas, sábados e domingos, os jogos realizados nas cinco grandes capitais.

Por isso Brasília está pretendendo transformar-se na capital brasileira do xadrez, nobre esporte intelectual. Não tem condições para oferecer espetáculos de multidões, nem um carnaval que contente esses dois terços da sua população, e realmente popular aqui só vemos a Festa dos Estados.

Já se disse que Brasília, como o corpo humano, se divide em três partes: cabeça, tronco e... rodas. A cabeça, é o Plano Piloto, na sua macrocefalia econômica, onde se concentra a maior renda per capita do País, na quase totalidade proveniente dos cofres públicos. O tronco, são as chamadas cidades-satélites, na verdade simples dormitórios, como, no Rio de Janeiro, a cidade de NILÓPOLIS, a maior concentração demográfica do País. E as rodas? Esses eixos rodoviários que se abrem em cruz; as circunvoluções viárias das quadras, os trevos, as passagens de nível, a angústia dos pedestres, as distâncias enormes multiplicadas em curvas, a maior consumidora de gasolina do País com um automóvel para cinco habitantes.

Se Brasília nasceu sob o signo da residência compulsória, tarda redimir-se desse pecado original. O jornalista Pompeu de Souza, falando ao GLOBO (18/4/76), lamentava, principalmente, a falta de vida cultural na nova cidade, lembrando que "cultura não se cria por decreto, nem na base da improvisação, mas nasce, cresce e vive por si mesma, e, a rigor, sua sedimentação é longa".

No campo da cultura - assinalava o Presidente da seção da ABI no Rio - a principal festa de Brasília é a dos Estados, uma tentativa de transplante das festas juninas e não um fenômeno cultural brasiliense. A Festa dos Estados, é, na realidade, um saudosismo gastro-filantropico, promovido por uma entidade que se propõe a amparar os desamparados da



Texto: Marcone Formiga

volvimento da região".

O primeiro problema que Brasília enfrentou foi na década de 60, provocado pela incapacidade da economia periférica corresponder a todas as necessidades de consumo. Era freqüente em seus primeiros anos a falta de gêneros de primeira necessidade.

Era evidente que isso ia acontecer. Falta, como diagnosticou o BNDE, todo um suporte (econômico, financeiro e tecnológico) para o desenvolvimento da produção aos níveis desejados. A industrialização de produtos primários é incipiente.

Como convivem o homem e a cidade? Para os psicólogos, Brasília não passa de uma máquina de morar, que produz neuroses e em breve vai possuir um dos maiores índices de suicídios.

Esse também é um fator que começa a preocupar. Estudiosos procuram encontrar o motivo da angústia existencial que está lotando as clínicas e levando muita gente aos divãs de psicanalistas.

Tudo isso revela uma Brasília, em preto e branco, bem diferente da imagem transmitida pelos cartões postais.

cidade. O Carnaval de Brasília é um arremedo do carnaval carioca. Cidade administrativa, não tem como oferecer condições para uma vida alegre e diversificada, como o Rio de Janeiro. Brasília é uma cidade de funcionários públicos, aos quais se acrescenta uma população de serviço para suprir as necessidades da população compulsória.

Apresentada como um cartão postal do urbanismo brasileiro, Brasília atraiu muitos turistas, mas esse afluxo vem diminuindo ano a ano. Hotéis e restaurantes caros, as distâncias multiplicam os preços dos táxis; não há vida noturna e a pobreza propriamente paisagística é notável, pela insuficiência do revestimento florestal, falta de jardins e parques e a própria monotonia ondulante do cerrado. Belo o céu estrelado, magníficos os ocasos matutinos e vespertinos, sobretudo imponente a arquitetura, mas tendente à uniformidade. Nem temos monumentos, - a relembra as figuras do passado; enquanto a escultura, a partir daquele guerreiro do quilômetro cinco da saída para Belo Horizonte e a terminar no grupo escultórico da Praça dos Três Poderes, não atende nem ao gosto acadêmico, nem à preferência popular. Pretendeu-se, numa só praça monumental, com algumas dezenas de hectares, cobertas de grama, desprovida de sombra, concentrar a busca de aconchego dominical, que o povo encontra, em outras cidades, em dezenas de locais.

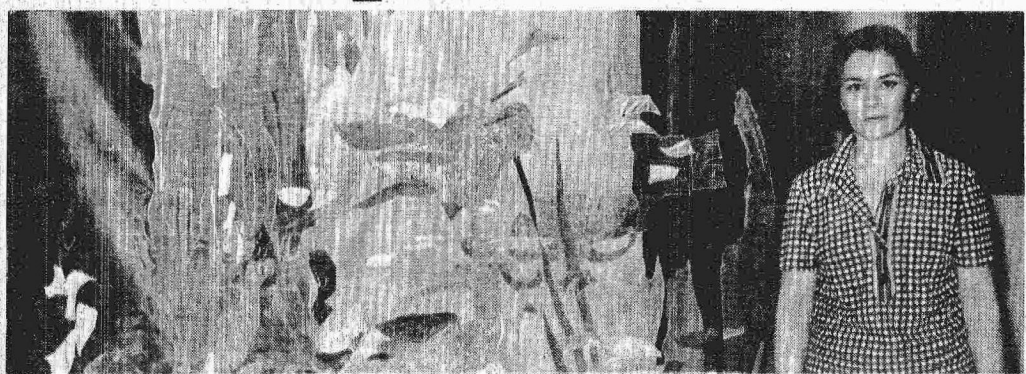
Raro que se quebre a monotonia do verde, em algumas Superquadras. O resto é o monocratismo do barro vermelho ou da grama sem cor durante sete meses, e, no restante do ano, agressivamente verde.

Positivamente, não se procurou acrescentar atrações à cidade e o turismo praticamente se esgotou. Se os hotéis subsistem é graças à realização de convenções, seminários, conferências, reuniões, habilmente programadas. Não o turismo curioso e espontâneo dos primeiros dias. Porque a cidade, vista pela primeira vez, é um postal, luminoso; da segunda, merece dois dias de esparcimento; mas, a da terceira, só por necessidade. Porque, além de tudo, é muito cara, sem praias, sem futebol, sem carnaval, sem Museus, sem vida noturna, cheia de obras inacabadas, na uniforme repetição dos cubos de cimento armado, com as mais belas residências esparsas, à beira do lago, desabitadas nos fins-de-semana.

Inexistem os divertimentos tradicionais. O lazer é absorvido em 25% pelos cinemas, 11% pela televisão, 19% por clubes fechados, 10%, em acampamentos de fins-de-semana. Também não há.

Texto: Augusto Ribeiro

## Artista portuguesa na Capital Federal



Leonor Alvim enriquece a moldura de seus "panos-colagem"

Leonor Alvim, artista plástica portuguesa, agora radicada em São Paulo, fez sua primeira exposição no Brasil no dia 13 de dezembro, na Portal Galeria de Arte (Rua Augusta, 1961), com a segurança de quem esperou o momento maduro para mostrar uma pesquisa séria. Consciente da validade de qualquer material, desde que a intenção artística o manipule, a artista usa retalhos e transforma-os em "panos-colagens". Esses panos de algodão, seda, lã ou veludo, que numa interpretação primária podem lembrar as populares colchas de retalhos e a colagem do excedente da sociedade, têm para Leonor um significado artístico maior. Em primeiro lugar, seus panos-colagens valem por si, como obra pictórica e plástica e, por isso, ela não chama nem de

tapeçarias (apesar da textura do material), nem de pintura, (apesar do domínio de formas e cores).

Leonor Alvim, natural do Porto e há muitos anos entrosada no meio artístico de Lisboa, veio para São Paulo acompanhando seu marido (brasileiro), que é técnico em Turismo e está realizando um projeto na Amazônia. Enfrentando o desconhecido, vive num isolamento quase agreste e exerce outra de suas capacidades artísticas, a música.

Inquieta na expressão artística - da música às artes plásticas - Leonor Alvim explorou todos os gêneros/pintura e têmpora, a óleo, guache, vidro, cerâmica, entre outros materiais. Como aluna de importantes artistas contemporâneos portugueses - Eduardo Nery, Costa Cabral, Lima de Freitas, José Nuno Câmara

Pereira - ela aprendeu o sentido de pesquisa e de exigência na descoberta de cada elemento com que trabalha. Depois de passar também pela tapeçaria e de estamparia para tecidos, caiu muito consciente no gosto pelos panos-colagens, que apresenta desde segunda-feira, no saguão do Palácio do Buriti.

Sinto, diz Leonor Alvim, que estou alcançando o que sempre esperei de minha arte. Estou contente porque, nestes últimos anos, consegui chegar a um resultado lúcido. Ao trabalhar com tecidos, descobri, que "cada matéria escolhida tem de se desprover de seu sensorialismo imediato para, em conjunto com outras, adquirir a forma, a massa palpante que revive espaços interiores, onde a luz foi dominada e essa matéria pode se expandir livremente.